

EDITORIAL

Este novo número da *Ayvu: Revista de Psicologia* traz a marca da pluralidade que a tem continuamente caracterizado. Muitos têm sido os temas, as ideias e as abordagens trazidos pelas nossas publicações. Muitas vozes se fizeram ouvir a cada número, expressando uma clara tendência de abertura para a diversidade, a diferença e a criação. Apostando mais uma vez nesse encontro com a alteridade, o presente número traz algumas novidades: abrindo as portas dessa publicação, contamos com o dossiê transdisciplinar “Cinema: pensamento, subjetividade e invenção”, organizado pelos editores convidados Rafael Mendonça Dias, Danilo Augusto Santos Melo e Auterives Maciel Jr. Além de artigos inéditos que tocam a temática que lhe dá nome, esse dossiê também inaugura uma seção de entrevistas na revista, tendo como entrevistados nesse número os cineastas André Luiz Oliveira e Edgard Navarro. Afora o “dossiê Cinema”, integra esse número a tradicional seção de artigos inéditos com tema livre, desta vez com textos que privilegiam as relações da psicologia com o trabalho, a conjugalidade, a parentalidade e com a questão dos adolescentes em situação de conflito com a lei. Cada um desses textos expressa ao seu modo questões nevrálgicas presentes nas sociedades contemporâneas. Por fim, mas não por último, inauguramos também uma nova seção de traduções de textos clássicos. O texto que abre essa nova seção é uma conferência ainda inédita em língua portuguesa do filósofo francês Gilbert Simondon (traduzida do francês por Danilo Melo), cuja obra aborda os temas da individuação psíquica e coletiva a partir de um diálogo com diferentes campos do conhecimento, como a psicologia da Gestalt, a teoria da Informação, a Cibernética etc. Nós, editores da *Ayvu: Revista de Psicologia*, esperamos que o encontro com os textos publicados nesse espaço possa ser tão transformador para os leitores como tem sido para nós. Abaixo, uma palavra dos editores convidados sobre o dossiê “Cinema: pensamento, subjetividade e invenção”.

Equipe Editorial da *Ayvu: Revista de Psicologia*

DOSSIÊ CINEMA: PENSAMENTO, SUBJETIVIDADE E INVENÇÃO
O DEVIR DE UM CINEMA NÔMADE

O dossiê transdisciplinar “Cinema: pensamento, subjetividade e invenção” aposta na interface entre cinema, política, filosofia e estudos da subjetividade, procurando avaliar as políticas cinematográficas voltadas para a construção de modos nômades de vida. Afirmamos a potência do cinema como um dispositivo de resistência no contemporâneo, que desprende forças políticas e estéticas que incitam o pensamento e a invenção de práticas expressivas de existência.

Encontramos neste atravessamento uma crítica ao ideal de verdade que se apresenta nas práticas sedentárias de conhecimento, de intervenção e de criação artística; que atribuem à realidade uma objetividade docilmente representada nas imagens de uma cinematografia canônica. Os roteiros realistas comprometidos com o princípio de realidade criam uma ficção de vida na sua mais baixa potência. Por isso, aspiramos um real assumidamente falso e livre, tal como vemos no cinema de Orson Welles e em sua filiação com o cinema de invenção ou dito marginal e o cinema experimental realizado pelos jovens superoitistas. Nesse sentido, pensamos a invenção no plano do cinema e da subjetividade como uma atividade ficcional indiscernível do próprio real, alcançando a mais alta potência do falso, ou seja, libertando a atividade criadora de qualquer julgamento moral.

O cinema marginal brasileiro, tomado por nós como vetor de prática nômade, criou suas próprias condições de produção por fora do aparelho de estado, apostando na força inventiva de narrativas minoritárias e personagens disparatados: párias de rua, loucos, anti-heróis, suicidados da sociedade. Nesse sentido, esses personagens deflagram novos territórios existenciais, devires animais, desejos revolucionários, processos demoníacos e monstruosos de criação. O devir no cinema nômade é a própria potência do falso, onde os personagens se põem a ficcionar, assumindo posições variáveis e indiscerníveis ao longo das obras. Mas o devir dos personagens coincide com o devir do próprio cinema nômade, na medida em que ambos afirmam uma recusa à pretensão de qualquer modelo identitário ou fórmula de adequação, abismando-se numa deriva criadora de outros modos de relação com o real e consigo mesmo livre de qualquer intenção de veridicção.

Nessa direção, Meteorango Kid: o herói intergalático e Superoutro são filmes minoritários, que tratam da potência profanadora dos anti-heróis que subvertem todos os

ídolos à sua volta. Profanar o poder das instituições, no contexto da ditadura civil-militar e do que restou dela, foi a proposição política dessa geração de cineastas. Essa atitude contracultural de profanação permite devolver ao uso comum e livre as imagens aprisionadas pela sociedade do espetáculo ao modelo cinematográfico majoritário. A invenção do cinema marginal brinca com as imagens e os discursos, assim como as crianças fazem, numa experiência de curtição. A política desse cinema utiliza o humor e a paródia, usa a política dos falsários como arma para rir da solenidade dos cinemas maiores e dos seus heróis. Hoje, o cinema segue sendo um espaço de disputa onde há o enfrentamento de diversas estratégias narrativas e políticas. A difusão de plataformas e a pretensa democratização dos meios criam uma profusão de imagens nunca antes vista. No entanto, essas imagens podem servir à saturação do mesmo, num movimento sedentário e reativo de fechamento à diferença. É ainda nesse campo de disputa que se pode instaurar novos modos de narrar a si mesmo e ao mundo. O cinema como prática de resistência instaura um movimento audiovisual nômade sobre a terra, desterritorializando os seus códigos, suas fronteiras, para criar no devir do cinema novo um cinema nômade.

Rafael Mendonça Dias, Danilo Augusto Santos Melo & Auterives Maciel Jr.
Editores Convidados